



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**CENTRO DE ARTES**  
**COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA**

**LET'S GO, LESBIANS, LET'S GO!**

**Uma análise do movimento *LGBT Fans Deserve Better* e  
a sua influência em produções seriadas**

LAILA DA SILVA OLIVEIRA

Pelotas/RS

2022

LAILA DA SILVA OLIVEIRA

**LET'S GO, LESBIANS, LET'S GO!**  
**Uma análise do movimento *LGBT Fans Deserve Better* e**  
**a sua influência em produções seriadas**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Orientador: Profa. Dra. Rebeca Da Cunha Recuero

Pelotas

2022

**LET'S GO, LESBIANS, LET'S GO!**  
**Uma análise do movimento *LGBT Fans Deserve Better* e  
a sua influência em produções seriadas**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Aprovada em (data da banca por extenso).

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Rebeca Da Cunha Recuero

---

Profa. Dra. Ana Paula Cruz Penkala Dias

---

Profa. Dra Cíntia Langie Araujo

## AGRADECIMENTOS

Esta graduação não seria possível sem o suporte de minha mãe, Silvia, que sempre fez o possível e impossível por mim, mesmo que lhe custasse a vida. Obrigada por tudo. Agradeço ao meu pai e minha irmã pelo imenso apoio, aos meus sobrinhos pela fofura e as minhas amadas gatas pela companhia durante todo o processo, literalmente.

Agradeço imensamente a minha querida orientadora, Rebeca, por toda paciência e dedicação ao longo desse (interminável) trabalho, sem ela eu jamais teria conseguido. Obrigada por instigar meus interesses e sempre me incentivar, você fez toda a diferença.

Ao incrível corpo docente dos cursos de Cinema da UFPel, cujo costume chamar de anjos na terra. Entrei nesse curso sabendo absolutamente nada sobre audiovisual e hoje posso dizer que sei um pouco de (quase) tudo. Gratidão eterna por todos os ensinamentos, receptividade e solicitude que sempre me dispuseram.

Aos meus amigos e colegas que fizeram parte dessa trajetória, obrigada por todas as trocas, aprendizados e parcerias. É divertido demais barbarizar ao lado de vocês.

Agradeço, também, a todas as órfãs da Lexa e de tantas outras sáficas que me ajudaram a divulgar essa pesquisa, e a todos que me ofereceram ajuda nos momentos de desespero.

Por fim, gostaria de agradecer às políticas públicas dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, por permitirem que a filha da empregada, que sequer terminou o ensino fundamental, pudesse cursar algo tão elitista como Cinema e Audiovisual.

*"You were right, Clarke. Life is about more than just surviving."*

Lexa (The 100, 3x07)

**RESUMO:** O presente artigo busca compreender e refletir a relação do movimento *LGBT Fans Deserve Better* e sua influência na narrativa de personagens lésbicas e bissexuais em produções seriadas. Com este objetivo em mente, trabalha-se com o entendimento da cultura participativa desenvolvida em comunidades virtuais de fãs e suas potencialidades na difusão de informações. A fim de problematizar a representação sáfica em seriados, será apresentado um breve histórico destas personagens, conceituando, também, dois tropos narrativos: *Queerbaiting* e *Bury Your Gays*. Por meio destes tópicos, desenvolve-se o percurso metodológico: a aplicação de um questionário em fãs que acompanharam a repercussão do movimento *LGBT Fans Deserve Better* e que ainda acompanham séries com personagens lésbicas e bissexuais. Como resultados, percebeu-se que, apesar de ainda problemática, a representação sáfica em produções seriadas foi positivamente impactada pela repercussão do movimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura de Fãs; *LGBT Fans Deserve Better*; Séries; Representatividade Lésbica; Sáficas;

## **ABSTRACT**

This article seeks to understand and reflect on the correlation between the LGBT Fans Deserves Better movement and the subsequent narratives of lesbian and bisexual characters on TV. With this objective in mind, it is important to have the knowledge and understanding of the participatory culture developed in virtual fan communities and their potential for the dissemination of information. In order to examine the Sapphic representation in TV shows, a brief history of these characters will be presented along with the conceptualization of the following narrative tropes: Queerbaiting and Bury Your Gays. Regarding these topics, a methodology was developed to better understand them: the application of a questionnaire to fans who have followed the repercussions of the LGBT Fans Deserve Better movement and still followed TV shows with lesbians and bisexual characters. As a result, it has been noticed that, although still problematic, the Sapphic representation on TV shows was positively impacted by the repercussions of the movement.

**KEYWORDS:** Fan culture; LGBT Fans Deserve Better; Lesbian representation; TV Shows; Sapphics

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Todos os personagens que morreram na TV na temporada 2015-'16....	14
Figura 2 – Guia Infográfico do Autostraddle sobre a história lésbica/bissexual na TV norte-americana.....	14
Figura 3 – Manchetes de diversos veículos de comunicação sobre personagens sáficas na televisão e a reação dos fãs. Ao lado esquerdo veículos norte-americanos, ao lado direito veículos internacionais.....	15
Figura 4 – Imagem criada por uma fã após o marco de 2 anos da morte de Lexa.....	15
Figura 5 – Perfil dos entrevistados.....	16
Figura 6 – Tropos.....	12
Figura 7 – Você acha que houve alguma diferença no tratamento das personagens sáficas depois da morte de Lexa e sua repercussão?.....	30

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	10
<b>2. Personagens lésbicas e bissexuais em seriados norte-americanos</b>	12
<b>2.1 Tropos LGBTI+</b>	15
<b>3. A Cultura de Fãs e o Movimento LGBT Fans Deserve Better</b>	17
<b>4. Percurso Metodológico</b>	23
<b>5. <i>LGBT Fans Deserve Better</i> e as personagens lésbicas e bissexuais em séries</b>	24
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	31
<b>REFERÊNCIAS</b>	33

## 1. INTRODUÇÃO

O audiovisual, por muitas décadas, tem sido nossa maior referência visual de padrões estéticos e comportamentais aceitos na sociedade (KELLNER, 2001). Positivamente ou negativamente, através da visão do produtor/a e diretor/a, somos influenciados por suas narrativas e reflexões acerca da vida cotidiana. Em sua maioria, essas histórias contam um ponto de vista patriarcal, heteronormativo e branco, o que acaba excluindo quem está à margem desses moldes. Sem uma representação midiática daqueles que são diferentes das figuras vistas em tela, é comum se sentir imoral e não pertencente à comunidade em que se está inserido.

As transformações culturais ocorridas após a década de 1970, a partir da Revolta de *Stonewall*<sup>1</sup>, foram fundamentais para a representatividade LGBTI+<sup>2</sup> que temos no audiovisual de hoje. No entanto, ela ainda é precária e escassa, principalmente quando falamos de personagens lésbicas e bissexuais. Em 2016, pesquisas dos sites *Autostraddle* e *Vox* apontaram a pouca recorrência de personagens sáficas<sup>3</sup> e uma alarmante onda de mortes das mesmas em obras seriadas.

Inconformadas com a sequência de mortes de personagens lésbicas e bissexuais na televisão em um curto espaço de tempo, fãs do mundo inteiro foram às plataformas de redes sociais<sup>4</sup> reivindicar representatividade positiva para essas personagens consideradas por elas tão mal roteirizadas ao longo do tempo, exigindo que os produtores de grandes emissoras norte americanas tratassem suas *storylines* e os fãs com mais respeito<sup>5</sup>. A morte da popular Lexa (Alycia Debnam-Carey), da série *The 100* (The CW, 2014-2020), foi a gota d'água para milhares de fãs ao redor do mundo, dando início ao movimento chamado *LGBT Fans Deserve Better*. Foram postados milhares de tweets com a *hashtag* *#LGBTFansDeserveBetter*, chamando a atenção para o tropo audiovisual conhecido como "*Bury Your Gays*", o qual

---

<sup>1</sup> Rebelião ocorrida no bar Stonewall Inn em Nova York, nos EUA, em 28 de junho de 1969. É considerado o marco histórico mais importante na luta por direitos LGBT.

<sup>2</sup> A sigla LGBTI+ é a versão utilizada pela ABGLT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos, a maior entidade da América Latina, reunindo mais de 200 organizações brasileiras.

<sup>3</sup> Mulher que sente atração por outras mulheres, exclusivamente ou não.

<sup>4</sup> Redes Sociais Online são compreendidas por Recuero (2009) como sendo formadas por atores sociais e suas ligações (laços sociais) desenvolvidas através de suas interações no ciberespaço. Já plataformas de redes sociais são justamente as ferramentas que propiciam a visualização destas redes na internet (como exemplo, temos o Facebook, o Instagram, o Twitter, etc.) (RECUERO, 2009).

<sup>5</sup> Fans revolt after gay TV character killed off. Disponível em:

<https://www.bbc.com/news/blogs-trending-35786382>. Acesso em: 23 de set. de 2022

roteiristas e produtores matam as únicas personagens lésbicas e bissexuais de suas séries apenas por *shock value*,<sup>6</sup> ou para o desenvolvimento de outro personagem, muitas vezes homens heterossexuais. A mídia logo acatou as reivindicações dos fãs e deu visibilidade à causa, fazendo com que o movimento tomasse proporções ainda maiores<sup>7</sup>.

Com a difusão da internet e a facilidade na comunicação, o ciberespaço nos proporcionou a oportunidade de aproximação de internautas que possuem interesses parecidos com os nossos, incluindo a possibilidade de *feedback* instantâneo e troca de mensagens através das redes sociais online (RECUERO, 2009). Logo, uma nova forma de agir - centrada na participação e na construção de uma inteligência coletiva (LEVY, 1999) - desperta a formação de comunidades virtuais que encontram força para potencializar suas vozes para além do ciberespaço (JENKINS, 2006).

A partir disso, esta pesquisa visa compreender e refletir a relação do movimento *LGBT Fans Deserve Better* com o possível desfecho de personagens lésbicas e bissexuais em obras seriadas, conceituando brevemente os enredos pejorativos decorrentes do desenvolvimento dessas personagens, conhecidos popularmente por tropos narrativos. Do mesmo modo, partimos de que a cultura de fãs (JENKINS, 2006) parece apontar uma força na transformação desta narrativa, representado aqui, como o movimento *LGBT Fans Deserve Better*.

Consideramos de extrema relevância analisar e problematizar a maneira como obras audiovisuais têm tratado histórias afetivo-sexuais entre mulheres, visto o tamanho da importância que essas personagens fictícias têm na vida de algumas pessoas. Mídias de massa influenciam e ajudam a moldar sociedades, portanto, é importante que haja exemplos positivos e multifacetados de minorias marginalizadas. Erin Waggoner (2017), refletindo sobre a fala de Stuart Hall em *Quem precisa de Identidade?* (2000), afirma:

A televisão é um desses discursos, e as narrativas que os programas de televisão apresentam são o local histórico e institucional para que essas conversas e identidades sejam abordadas. A representação na televisão tem o potencial de ajudar as pessoas com suas próprias identidades.

---

<sup>6</sup> Em tradução literal “valor de choque”, é um mecanismo usado apenas para provocar controvérsia e espanto no público.

<sup>7</sup> “The 100” Fans Once Again Remind The World That LGBT Viewers Deserve Better. Disponível em: <https://www.autostraddle.com/the-100-fans-once-again-remind-the-world-that-lgbt-viewers-deserve-better-339601/>. Acesso em: 16 de nov. de 2020.

Portanto, a falta de representação na televisão torna-se um problema se não for tratada com cuidado (WAGGONER, 2017, p. 2).

Com esse argumento em mente, nos próximos capítulos iremos refletir sobre a importância de representação sáfica positiva e de como a cultura da convergência pode contribuir para além da produção, construindo a base teórica deste trabalho.

## 2. Personagens lésbicas e bissexuais em seriados norte-americanos

Historicamente, personagens LGBTI+ nem sempre foram explorados ou positivamente trabalhados na televisão e no cinema, o que basicamente era um reflexo da sociedade em que viviam. Na década de 30, foi implementado em Hollywood o *Código Hays*, criado pelo pastor presbiteriano William Hays, presidente da *Motion Pictures Producers and Distributors of America* (MPPDA). A implementação do código visava melhorar a imagem hollywoodiana perante o resto dos Estados Unidos, e que o cinema deveria mostrar “modelos de vida corretos e respeitar as leis divinas, naturais e humanas” (NAZARIO, 2007, p. 94). O código condenava e censurava inúmeras narrativas, dentre elas a sexualidade e a homossexualidade. Para contornar as regras impostas, cineastas eram forçados a escrever sobre personagens estereotipados ou de moral duvidosa.

À época, as proibições instituídas pelo código tiveram efeito pior do que banir o personagem homossexual do cinema; elas mudaram a sua representação, instituindo apenas a possibilidade de 2 papéis: a de antagonista naturalmente perverso ou a de personagem trágico. A galeria de vilões de clara, porém jamais aberta, orientação homossexual é extensa (SILVEIRA, online, 2011)<sup>8</sup>.

O código, conseqüentemente, acabou caindo em desuso e sendo abolido oficialmente no final da década de 60, porém os efeitos dessa censura foram enraizados nas narrativas com LGBTIs e parecem ser sentidos até hoje. Apesar das muitas transformações sociais e do aumento de direitos e da visibilidade LGBTI+, personagens sáficas complexas, regulares e sobreviventes são atípicas. Em 2015, a série distópica *The 100* ganhou destaque por ser a primeira série do canal aberto americano *The CW* a ter uma personagem principal bissexual, a guerreira Clarke

---

<sup>8</sup> SILVEIRA, Fábio, O homossexual no cinema: o dilema da representação, Café História, disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/o-homossexual-no-cinema-o-dilema-da-representacao/>>. Acesso em: 29 ago. 2022.

Griffin (Eliza Taylor)<sup>9</sup>. Por se tratar de uma série sobre sobrevivência em um mundo pós-apocalíptico, rótulos e preconceitos nunca fizeram parte da narrativa. No entanto, quando Clarke compartilha um beijo com a líder do clã aliado, Lexa (Alycia Debnam-Carey), o produtor executivo Jason Rothenberg foi ao Twitter afirmar a sexualidade da personagem, algo até então raro no meio televisivo: “Clarke é uma personagem bissexual. Lembrem-se que nessa sociedade, ninguém liga pra isso. Eles estão preocupados com lanças no peito. #The100<sup>10</sup>” (ROTHENBERG, 2016).

O surgimento da complexa Comandante Lexa, uma guerreira líder de 12 clãs e de muita personalidade, foi um marco na história de personagens lésbicas. Lexa chamou a atenção do público e da mídia por estar em uma posição de poder e por seu arco narrativo não ser sobre descoberta e aceitação de sua sexualidade, além do seu potencial romance com a personagem principal, Clarke<sup>11</sup>. Assim, com a repercussão da morte de Lexa na terceira temporada de *The 100* e o alto número de mortes de outras personagens sáficas em um curto espaço de tempo, em 2016, os sites *Autostraddle* e *Vox* desenvolveram duas pesquisas comparando as mortes de heterossexuais com as de homossexuais em séries. O *Vox* contabilizou, no período de 2015-2016, que 242 personagens morreram em obras seriadas, onde 22 delas eram de mulheres lésbicas e bissexuais. Analisando de forma rasa, esses 9% parecem pouco significativos, mas é preciso levar em conta a escassez dessas personagens. Abaixo, vemos o nome de todas as personagens que morreram entre 2015-2016.

---

<sup>9</sup> CW Has First Bisexual Lead Character. Disponível em: <https://www.advocate.com/bisexuality/2015/02/26/cw-has-first-bisexual-lead-character>. Acesso em: 27 de set. de 2022

<sup>10</sup>Clarke is a bisexual character. Remember that in this society, no one's worried about it. They're worried about spears to the chest. #The100. Disponível em: <https://twitter.com/JRothenbergTV/status/570775409643532288>. Acesso em: 26 de set. de 2022

<sup>11</sup> Mysterious queer character Lexa has our attention in “The 100”. Disponível em: <https://afterellen.com/mysterious-queer-character-lexa-attention-100/>. Acesso em: 23 de set. de 2022

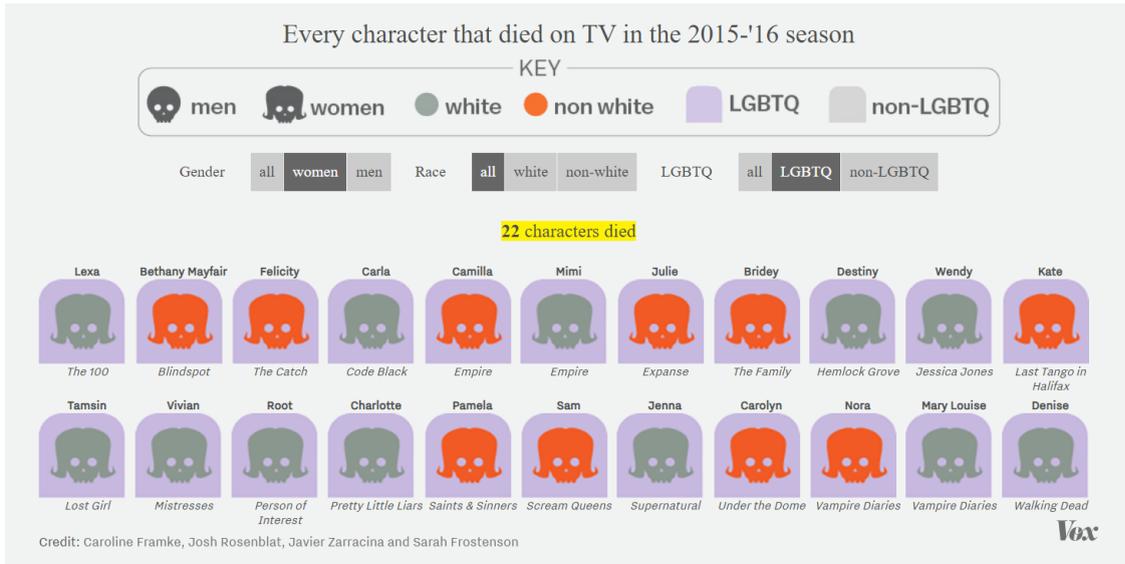


Figura 1 - Todos os personagens que morreram na TV na temporada 2015-'16  
 Fonte: Vox (2016).

Já a pesquisa do Autostraddle investigou um pouco mais a fundo. Levando em conta obras seriadas disponíveis nos Estados Unidos, o número total de séries com personagens lésbicas/bissexuais entre 1976 a 2016 era de 193, contra 1.586 séries com apenas personagens heterossexuais. O abismo entre o número de personagens é ainda maior e mais chocante: a pesquisa contabilizou mais de 18.000 personagens heterossexuais contra 383 personagens lésbicas/bissexuais, no qual 95 delas morreram na narrativa.

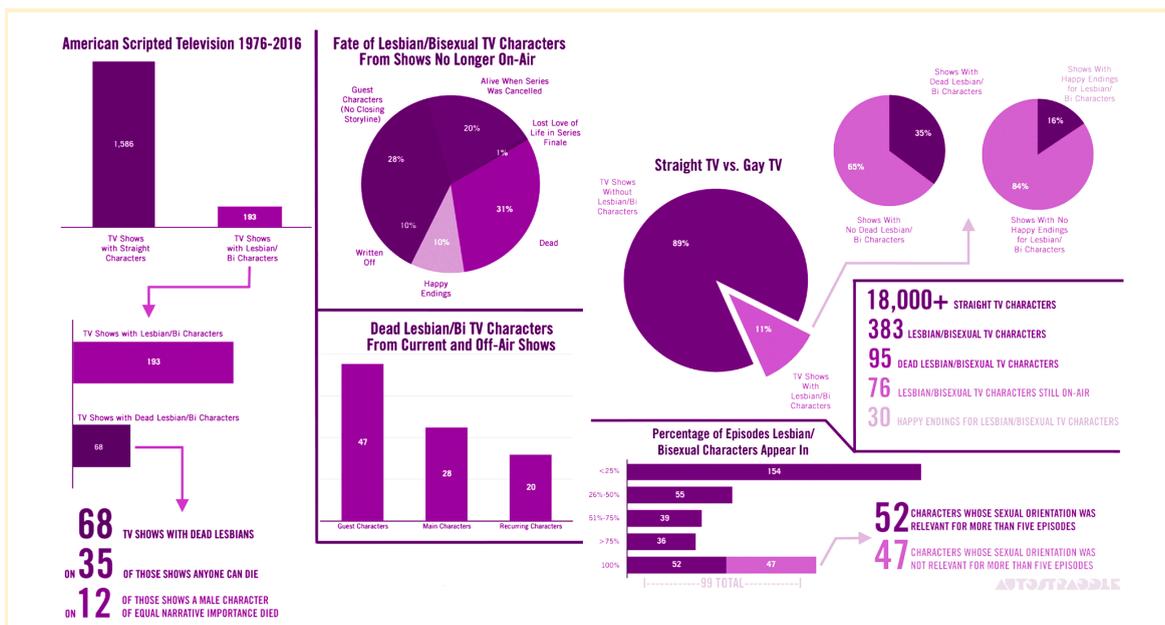


Figura 2 - O Guia Infográfico final do Autostraddle sobre a história Lésbica/Bissexual na TV.  
 Fonte: Autostraddle (2016).

## 2.1 Tropos LGBTI+

Em uma obra ficcional, podemos sempre identificar cinco elementos que constroem sua narrativa, sendo eles: enredo, narrador, personagens, tempo e espaço<sup>12</sup>. Por conta das inúmeras possibilidades de criação de enredo e a constante produção de conteúdo nos dias atuais, é bastante comum que muitas histórias venham a se repetir.

Estas repetições acabam por trazer temas recorrentes que caracterizam os tropos narrativos. Eles são dispositivos clichês usados na construção de personagens e tramas (RIZZO, 2005), como por exemplo De inimigos a Amantes, Mulher Fatal e O Herói Acidental.

O site [tvtropes.org](http://tvtropes.org), criado e mantido pela comunidade virtual, é uma espécie de *database* desses tropos. Nele é possível encontrar os mais diversos e recorrentes *plots* de seriados, filmes, mangás, livros e até mesmo de *fanfictions*<sup>13</sup>. García-Ortega, García-Sánchez e Merelo (2020, p.1) define o *wiki*<sup>14</sup> ([tvtropes.org](http://tvtropes.org)) como “uma excelente fonte de conhecimento, pois descreve milhares de tropos e os relaciona com obras artísticas, fornecendo exemplos com um contexto amplo em termos de personagens, lugares e ações”. Para este estudo, conceituaremos brevemente dois tropos presentes em narrativas com personagens lésbicas e bissexuais, os chamados *Queerbaiting* e *Bury Your Gays*.

Durante décadas, narrativas cinematográficas e televisivas flertaram com o homoerotismo e a homossexualidade, fosse para saciar o prazer do público masculino ou fosse para reproduzir represálias a uma parcela marginal da sociedade (WEISS, 1993). Apesar do termo *Queerbaiting*<sup>15</sup> ter surgido nos anos 2010s, a prática já existia há muito tempo, mesmo que com uma conotação diferente. Embora o lesbianismo fosse visto como “perversão sexual” pelo Código Hays e pelas normas da época, o ato de filmar uma tensão sexual entre duas mulheres era atraente ao olhar masculino, além de também despertar fantasias privadas de

---

<sup>12</sup> Elementos da narrativa. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/redacao/elementos-da-narrativa.htm>. Acesso em: 04 dez. 2022

<sup>13</sup> Narrativa ficcional escrita por fãs, inspirada em obras já existentes.

<sup>14</sup> Segundo Becker (2011, p.4), um *wiki* é uma ferramenta “capaz de mediar produções textuais coletivas e de contribuir para a formação e manutenção de comunidades virtuais”. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16588>. Acesso em: 28 de set. de 2022.

<sup>15</sup> Em tradução literal, “isca queer”.

muitas mulheres. A documentarista e autora Andrea Weiss, em seu livro *Vampires And Violets (1993)*, afirma:

[...] o público podia ser provocado com a possibilidade de lesbianismo, o que provocava tanto curiosidade quanto excitação. Hollywood comercializou a sugestão de lesbianismo, não porque intencionalmente procurou abordar o público lésbico, mas porque procurou abordar o interesse voyeurista masculino. Esse uso de insinuações, no entanto, funcionou também para uma série de espectadores mulheres, permitindo-lhes direcionar seu olhar erótico para a estrela feminina sem dar-lhe um nome, e na segurança de sua fantasia privada em um teatro escuro (WEISS, 1993 p.32).

*Queerbaiting* em sua essência, apesar de ainda um termo instável, pode ser definido como uma “prática intencional de ‘atrair’ o público com a promessa de representatividade LGBTI+, por meio de marketing ou insinuações e gestos subtextuais, mas, por fim, falhando em atender às expectativas” (MCDERMOTT, 2020). Apesar de em muitos casos o contexto LGBTI+ ser desconversado e colocado na conta da leitura do público por roteiristas e produtores (COLLIER, 2015), é possível perceber, então, a identificação destes subtextos, seja através da narrativa sugestiva ou de ações de publicidade. Um caso de *queerbaiting* que irritou muitas fãs foi o da série norte-americana *Once Upon a Time* (ABC, 2011-2018), envolvendo as personagens principais Emma Swan (Jennifer Morrison) e Regina Mills (Lana Parrilla). Apesar de inicialmente inimigas, era evidente a troca de olhares e os diálogos com duplo sentido entre Emma e Regina, seguidos por truques de câmera e edição que criavam uma atmosfera de romance.<sup>16</sup>

Assim como *queerbaiting*, o tropo conhecido por *Bury Your Gays* (Enterre Seus Gays) é um efeito colateral das normas morais implementadas pelos grandes estúdios cinematográficos norte-americanos (BRIDGES, 2018). A homossexualidade, que previa a implementação do Código Hays, era presumida e caracterizada através de subtextos, após a censura passou a obrigatoriamente ser representada apenas para fins punitivos. Os personagens LGBTIs eram geralmente finalizados por suicídio, solidão, miséria e, principalmente, morte. Estas punições criaram “um padrão arraigado que dura até os dias atuais” (BRIDGES, 2018, p.126), mesmo com caimento do Código no fim da década de 1960.

---

<sup>16</sup> Queerbaiting in Once Upon a Time... a short history. Disponível em: <https://www.tumblr.com/freifraufischer/131185807321/queerbaiting-in-once-upon-a-time-a-short-history>. Acesso em: 4 dez 2022

Lésbicas e mulheres bissexuais têm sido vítimas desproporcionais do tropo *Bury Your Gays* na televisão desde que foram introduzidas, na década de 1970 (BRIDGES, 2018). Em 2016, das 35 sáficas que estavam no ar na televisão americana, 10 personagens morreram em um período de 5 meses (de janeiro a maio) (WAGGONER, 2017).

Se considerarmos essa restrição da homossexualidade na tela como paralela à sua história de restrição ao código criminal e à mecânica das armadilhas de chantagem e imposição legal, o *Bury Your Gays*, formado sob os códigos de moralidade que governavam a homossexualidade no cinema e na TV, reflete uma visão semelhante modo de contenção e punição para gays. Os espectadores *queer* testemunham a punição de personagens *queer* e, por procuração, também de si mesmos (BRIDGES, 2018, p.127).

Com esta analogia de Bridges em mente, é possível compreender a insatisfação por parte da audiência com a precária representatividade, como foi o caso dos fãs da personagem Lexa e de outras tantas personagens lésbicas e bissexuais. Logo, no capítulo a seguir, veremos como o interesse em comum a estes grupos sociais possibilitou a criação de um movimento que reivindicava melhorias na representação de personagens sáficas.

### **3. A Cultura de Fãs e o Movimento LGBT *Fans Deserve Better***

A fim de compreendermos o movimento *LGBT Fans Deserve Better*, precisamos primeiramente contextualizar a cultura da convergência (JENKINS, 2009), a dinâmica das redes sociais na internet (RECUERO, 2009) e o fã-ativismo (BROUGH; SHRESTOVA, 2012). Nestas obras, os/as autores/as falam das transformações midiáticas e sociais ocorridas devido aos avanços tecnológicos, e como elas quebraram barreiras geográficas que antes havia entre a comunicação e o encontro de distintos círculos sociais.

É possível perceber, por exemplo, que novas possibilidades provenientes da Cibercultura, como a potencial difusão de informações, a presença virtual que ultrapassa barreiras geográficas e a comunicação mediada pela internet (LÉVY, 1992) permitem com que pessoas do mundo todo interajam simultaneamente e criem conexões a partir da interatividade das plataformas de redes sociais,

ressignificando ações ou mesmo adquirindo forças que, fora do mundo virtual, não teriam (RECUERO, 2009). Um exemplo são as próprias comunidades virtuais<sup>17</sup> formadas, que compartilham informações entre milhares de usuários, promovendo o que Lévy (2007) caracteriza como “inteligência coletiva<sup>18</sup>”. Um dos maiores exemplos de inteligência coletiva são os *fandoms*<sup>19</sup>, os quais são formados por fãs de obras audiovisuais, literárias, músicos e até mesmo de jogos.

Esta inteligência coletiva está associada à cultura participativa, característica da convergência dos meios de comunicação. Ela implica em possibilidades de interações e colaborações entre sujeitos geograficamente dispersos, mas que partilham de mesmos valores, como as integrantes do movimento *LGBT Fans Deserve Better*. Foram criados fóruns de discussões, petições, campanhas de arrecadação de fundos para ONGs, *fanarts*<sup>20</sup>, e etc.

Assim, a partir da cultura participativa, da convergência dos meios e da inteligência coletiva - frutos da Cibercultura - Jenkins define a Cultura da Convergência em seu livro como “uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando” (JENKINS, 2009, p. 29-30).

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2009, p.29).

Na cultura pop atual, os *fandoms* são de extrema importância para a divulgação e visibilidade dos produtos de entretenimento, fazendo com que produtores/as e realizadores/as estejam sempre atentos às suas opiniões. Hoje, além de trocar experiências com pessoas de gostos similares, através das pequenas telas, também é possível interagir com os/as realizadores/as de suas obras favoritas. Logo, com a convergência das mídias o espectador passou a ser ouvido, exercendo certo poder sobre os produtos produzidos. O público se desloca da posição de mero

---

<sup>17</sup> Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesse, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca. Tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (LÉVY, 2008, p. 127)

<sup>18</sup> É uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 2007, p. 28).

<sup>19</sup> Fandom é a junção da expressão em inglês “fan kingdom”, a qual significa “reino dos fãs”, em tradução literal.

<sup>20</sup> Obras de arte baseadas em obras populares de ficção (como livros, filmes, etc.) criadas por fãs.

espectador à posição de influenciador das narrativas, contribuindo para o desenvolvimento das histórias.

[...] os fãs são centrais na maneira que a cultura opera. O conceito de audiência ativa, tão controversa duas décadas atrás, agora é dada por certa por todos envolvidos ou próximos da indústria da mídia. Novas tecnologias estão permitindo consumidores médios a arquivar, anotar, apropriar-se e recircular conteúdo midiático. Poderosas instituições e práticas (lei, religião, educação, propaganda e política, entre elas) estão sendo redefinidas por um crescente reconhecimento do que está sendo adquirido com a promoção — ou ao menos a tolerância — de culturas participativas (JENKINS, 2009, p. 1).

Dentro das comunidades virtuais formadas por fãs, a discussão, a criação de conteúdo e até mesmo o sentimento de pertencimento é estabelecido (RHEINGOLD, 1993). Consolida-se uma dinâmica social muito peculiar, que implica não apenas na busca pela colaboração entre os membros da rede social online, como também no compartilhamento de valores comuns, preconizados pelos pertencentes à mesma rede social que forma a comunidade (RECUERO, 2009). Nessas comunidades, por conta da proximidade com o texto e a capacidade de organização potencializada pela facilidade da dinâmica nas plataformas digitais, tem sido cada vez mais comum o surgimento de mobilizações, cujo objetivo é reivindicar mudanças na estrutura do produto (VAN ZONEN, 2004). Segundo Brough e Shrestova (2012),

O fã-ativismo, no entanto, tem sido mais associado com o lobby de fãs para o lançamento de um conteúdo relacionado, como a permanência de um programa no ar (Lichtenberg, Marshak e Winston 1975; Scardaville 2005), a representação de minorias raciais ou sexuais (Garber e Paleo 1983; Lopez 2011), ou a promoção de temas sociais no conteúdo do programa (Ross 2008) (BROUGH e SHRESTOVA, 2012, p. 1).

Em 3 março de 2016, após o sétimo episódio da terceira temporada de *The 100* ir ao ar, fãs do mundo inteiro foram surpreendidos com a morte de Lexa. Por conta da proximidade do produtor executivo e dos roteiristas com o público, através das plataformas de redes sociais, durante meses fãs foram assegurados de que nada aconteceria com a personagem e de que estavam cientes do tropo “*Bury Your Gays*”<sup>21</sup>. No entanto, para a surpresa de todos, Lexa foi morta por uma bala perdida logo após finalmente consumir seu relacionamento com Clarke. A destemida

---

<sup>21</sup> How the crew of the 100 used and continues to use social media in a way that harms LGBT viewers. Disponível em: <https://medium.com/@hartbrendan91/how-the-crew-of-the-100-used-and-continues-to-use-social-media-in-a-way-that-harms-lgbt-viewers-a28ec16f158f>. Acesso em: 16 de nov. 2022

guerreira lésbica que para muitas era uma referência, foi acidentalmente assassinada por seu mentor, Titus (Neil Sandilands), cujo pretendia matar Clarke por acreditar que os sentimentos de Lexa por ela significavam fraqueza.

Revoltadas com o que tinham acabado de assistir e com mais uma morte de uma personagem, fãs do mundo inteiro foram às plataformas de redes sociais demandar uma melhor representação de personagens sáficas e o boicote da série *The 100*. Logo após o fim do episódio, apenas no Twitter, a *hashtag* #LGBTFansDeserveBetter virou um dos assuntos mais comentados e permaneceu no topo por dias. No total, foram mais de 42 *hashtags* relacionadas e mais de 4 milhões de *tweets* postados.<sup>22</sup> Com a força e a organização de comunidades oriundas do Twitter, Tumblr e The L Chat<sup>23</sup>, conexões foram formadas, inúmeras *fanarts* criadas e petições iniciadas. O público direcionava suas questões não somente a Jason Rothenberg e a emissora The CW, mas também aos diversos produtores e canais norte-americanos para que houvesse um maior comprometimento com o público LGBTI+. A mídia não só local como internacional logo passou a noticiar as demandas dos fãs e o problema da representatividade LGBTI+ no audiovisual, trazendo ainda mais visibilidade e notoriedade ao movimento que ali surgia. A redatora do site Autostraddle, Heather Hogan, afirma ao final de um de seus artigos:

[...] Nunca vi nada parecido com o movimento em torno da morte de Lexa. Em onze semanas, os fãs *queer* de *The 100* revolucionaram completamente a conversa sobre como a TV trata seus personagens LGBT, e eles não mostram sinais de desaceleração (HOGAN, 2016).

Dada a proporção que o movimento tomou, ao longo de 2016, foram publicadas inúmeras matérias em diversos países, como podemos observar na figura abaixo:

---

<sup>22</sup> LGBT Fans Deserve Better. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5CWHo\\_72a-g&t=169s](https://www.youtube.com/watch?v=5CWHo_72a-g&t=169s). Acesso em: 22 de nov. de 2022

<sup>23</sup> The L Chat é um fórum online relacionado à cultura pop sáfica.

**VARIETY**  
HOME > TV > OPINION Mar 14, 2016 12:58pm PT

What TV Can Learn From 'The 100' Mess  
By Maureen Ryan

**Entertainment**  
**TV kills another lesbian character: What's going on?**  
Another LGBT favorite bites the dust Sunday in wake of Lexa's death on 'The 100'  
By Lynette Rice | March 21, 2016 at 09:19 PM EDT

**B B C**  
**Fans revolt after gay TV character killed off**  
© 11 March 2016

**NEW YORK POST**  
**TV shows can't stop killing off their lesbian characters**  
By Elisabeth Vincentelli April 7, 2016 | 3:48pm

**Vox**  
**Queer women have been killed on television for decades. Now The 100's fans are fighting back.**  
By Caroline Franke | @carolinefranke | caroline.franke@vox.com | Mar 25, 2016, 9:30am EDT

**Los Angeles Times**  
'The 100' showrunner apologizes to fans for controversy over beloved gay character's death  
BY LIBBY HILL  
MARCH 24, 2016 5:07 PM PT SUBSCRIBERS ARE READING >

**Hollywood Reporter**  
**Bury Your Gays: Why 'The 100,' 'Walking Dead' Deaths Are Problematic (Guest Column)**  
A wave of queer female character deaths has fans fighting to remake TV.  
BY DOROTHY SNARKER | MARCH 21, 2016 3:20PM

**Forbes**  
MEDIA  
**'The 100' LGBT Controversy: Screenwriter Acknowledges The Hurt**  
Don Groves Former Contributor ©  
Apr 12, 2016, 08:30pm EDT

**PUREBREAK**  
**Em "The 100": na 3ª temporada, Lexa tem fim trágico e fãs se manifestam pelas redes sociais!**  
04 MAR 2016 às 10h33 | Atualizada 15 JUL 2016 às 10h19

**elCOLOMBIANO**  
**La muerte de un personaje ficticio que desató indignación**

**The Sydney Morning Herald**  
**Why does TV keep killing off lesbian characters?**  
Bethonie Butler  
April 5, 2016 – 12:0pm Save Share

**The New Zealand Herald**  
**TV keeps killing off lesbian characters and the fans of one show have revolted**  
Washington Post  
6 Apr, 2016 05:00 AM © 6 mins to read Save Share

**IGN Hungary**  
**Leszbikus karakterek a tévében: A The 100 showrunnere reagált a rajongói felháborodásra**

**HUFFPOST**  
**I personaggi gay sono troppo pochi nelle serie tv e muoiono troppo spesso. La protesta del mondo LGBT**  
di HuffPost  
08 Giugno 2016 Segui temi

**FILMSACTU**  
**The 100 : grosse polémique après un épisode choc !**  
Le 17/03/2016 à 11:03  
Par Camille Solal

**na EKRANIE.PL**  
**Twórca The 100 o ogromnych kontrowersjach wokół serialu**  
Ostatnie wydarzenia w serialu The 100 wywołały burzę w Stanach Zjednoczonych, gdzie fani gorąco krytykowali twórcę i namawiali do bojkotu.  
Adam Sienkiewicz  
23 MAR 2016 0 08:12 Tagi: The 100

Figura 3 - Manchetes de diversos veículos de comunicação sobre a morte de personagens sáficas na televisão e a reação dos fãs. Ao lado esquerdo veículos norte-americanos, ao lado direito veículos internacionais.

Fonte: Montagem feita pela autora a partir de *prints* das manchetes (2022)

A seguir, apresento uma imagem criada por uma fã após o marco de dois anos da morte de Lexa, a qual evidencia o tamanho do movimento e suas conquistas.



Figura 4 - Imagem criada por uma fã após o marco de 2 anos da morte de Lexa  
 Fonte: <https://twitter.com/InParadoxState/status/974064193585537031>

Deste modo, percebe-se que as conversas nascidas no âmbito virtual acabaram ultrapassando barreiras, tanto físicas quanto virtuais, criando assim um movimento praticamente internacional.

#### **4. Percurso Metodológico**

Visando compreender e refletir a relação do movimento *LGBT Fans Deserve Better* e sua influência na narrativa de personagens lésbicas e bissexuais em produções seriadas, o presente trabalho focou na coleta de dados que trouxesse a percepção de fãs neste possível fenômeno. Para tanto, com vista à produção dos dados que subsidiaram as análises, elaboramos um questionário online semi-aberto desenvolvido na ferramenta *Google Forms*, em português e inglês (com a intenção de atingir um número maior de pessoas). O questionário foi divulgado nas plataformas *Twitter, Tumblr, Discord, Facebook, Telegram e Reddit*, entre os dias 19 de outubro a 10 de novembro de 2022, e voltou-se a pessoas que participaram/acompanharam, em 2016, o surgimento do movimento e que são consumidoras de obras audiovisuais com representação lésbica e bissexual. O questionário foi respondido de forma anônima por 1.104 pessoas ao todo, no entanto, apenas 723 passaram pelas questões eliminatórias.

Reconhecendo a força e a potencialização de suas reivindicações por meio da internet, fãs do mundo inteiro tornam o ciberespaço um lugar de reivindicações, inclusive, sobre suas obras ficcionais favoritas e os tropos de seus personagens. Para obter um panorama geral da visão dos respondentes acerca do movimento e de sua possível influência, foi perguntado às entrevistadas se participaram da repercussão da morte de Lexa por meio das redes sociais na internet, seja por *tweets, hashtags, petições* e etc, como também quantas séries com personagens sáficas acompanham e sua percepção a respeito da frequência delas nos últimos seis anos.

Por se tratar de um período e assunto muito específico, o formulário iniciou com três questões eliminatórias com o objetivo de chegar no perfil do público alvo, sendo ele a telespectadora que acompanha séries com personagens sáficas, que acompanhava a série *The 100* entre 2015 e 2016 e que tenha presenciado a repercussão que a morte de Lexa teve nas redes sociais na internet, lá em 2016.

Das 1.104 respondentes, 723 responderam positivamente às três perguntas, tornando-se aptas para a conclusão do questionário.

### 5. *LGBT Fans Deserve Better* e as personagens lésbicas e bissexuais em séries

Em sua maioria, quanto à sexualidade, as respondentes se consideram não heterossexuais, sendo elas 427 (59,1%) homossexuais e 243 bissexuais (34%). O índice esmagador de 93% de pessoas não heterossexuais pode estar relacionado ao fato da pesquisa ter sido postada em comunidades cuja temática é cultura popular sáfica, como o fórum The L Chat, as contas Lesbocine e LesB Out! no Twitter, e LesbianActually e WLW no Reddit. O foco se deu nestas comunidades justamente por reconhecer que nestes lugares virtuais seria possível encontrar o perfil de pessoas que acompanharam o movimento e são consumidoras destas séries.

Quanto à nacionalidade, 72,1% das entrevistadas afirmaram ser sul-americanas, o que nos leva a constatar que apesar do questionário ter sido distribuído por diversas plataformas e em duas línguas, ainda houve dificuldade de circulação para além da América do Sul. Este dado pode estar relacionado ao fato da pesquisadora partir de suas redes sociais na internet. No entanto, ainda assim, das 723 respostas válidas, 202 (28%) foram de pessoas não sul-americanas.

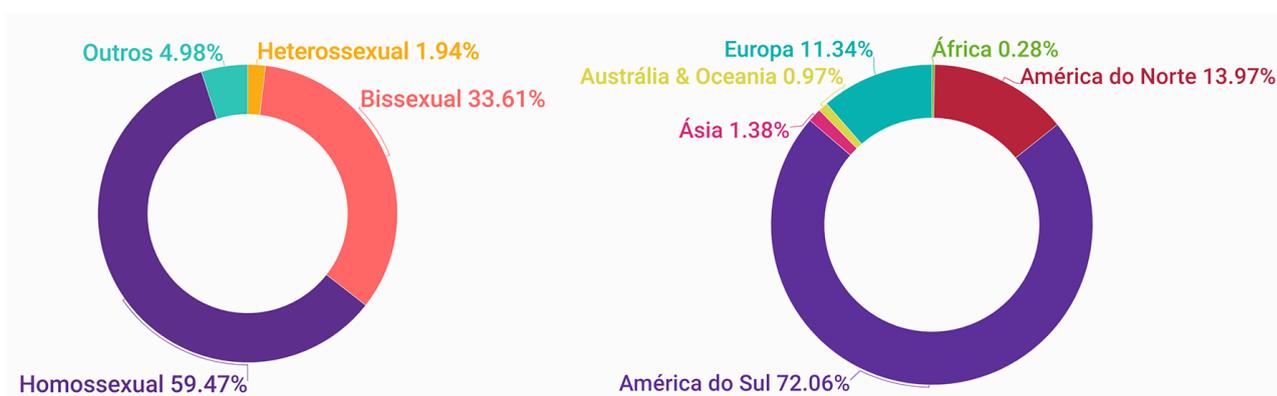


Figura 5 - Perfil dos entrevistados

Fonte: Imagem elaborada pela autora

Ainda que em números menores, foi interessante ter a presença de outros continentes no questionário, pois é um indício de que o movimento e sua relação com a construção das personagens sáficas pode ter um caráter mundial.

Assim como na pergunta “eliminatória” sobre o conhecimento ou não da repercussão da morte da personagem, a maioria das entrevistadas (70,5%) responderam que sim. Ou seja, elas participaram do movimento através das plataformas de redes sociais. Este dado foi fundamental para compreendermos que o ativismo das respondentes aponta ser um fator importante para a própria difusão das reivindicações e protestos ocorridos durante o movimento e o quanto a internet e as redes sociais nela presente, agem como correntes de nível (praticamente) global na disseminação de informações.

Perguntou-se ainda sobre o número de séries com personagens sáficas assistidas pelas respondentes, a fim de compreender a imersão das fãs nesse tipo de conteúdo. O resultado foi bastante expressivo. Mais da metade (78,6%) afirmaram acompanhar ao menos 4 séries com personagens lésbicas e bissexuais, dos quais 199 (27,5%) declararam assistir a mais de 12 séries. Tais números evidenciam o quão inseridas e participativas na cultura pop sáfica estão as respondentes, além de seus hábitos de consumo e a busca por melhores representações. Ou seja, são o perfil de pessoas que acompanham e compreendem a possível evolução narrativa das personagens sáficas.

Indo de acordo com os dados<sup>24</sup> anualmente lançados pela GLAAD<sup>25</sup>, 88% afirmaram perceber um aumento na frequência de personagens sáficas em seriados. No entanto, quando perguntadas para quantificar sua satisfação em relação a essa frequência, evidencia-se ainda certo descontentamento do público. De acordo com 639 (88,4%) das 723 entrevistadas, a regularidade de personagens lésbicas e bissexuais ainda é pouco satisfatória. Isto é, por mais que a representatividade LGBTI+ tenha crescido no audiovisual, ainda não é considerada ideal. O público ainda sente uma certa carência de conteúdo, mesmo havendo demanda.

Pensando em analisar a satisfação do público em relação a construção e o desfecho das personagens lésbicas e bissexuais em obras seriadas, foi perguntado

---

<sup>24</sup> Where We Are on TV Report – 2021-2022. Disponível em: <https://www.glaad.org/whereweareontv21>. Acesso em: 04 de dez. 2022

<sup>25</sup> A Gay & Lesbian Alliance Against Defamation (GLAAD) é uma organização se dedicada a promover e garantir uma representação justa, precisa e inclusiva de pessoas e eventos na mídia como forma de eliminar a homofobia e a discriminação com base na identidade de gênero e orientação sexual.

às respondentes como elas avaliam ambas questões. Entre as entrevistadas, 153 (21,2%) consideram o enredo das personagens como muito bem construído, enquanto 386 (53,4%) julgam como aceitável e 184 (25,5%) estão completamente insatisfeitas. Em relação a pergunta sobre como avaliam o desfecho das sáficas, seja em séries finalizadas ou que encerraram o enredo delas, 59,6% se mostraram muito descontentes, em objeção a 40,4% das respondentes que apontaram estarem satisfeitas. Preciso aqui deixar uma ressalva, pois talvez não tenha ficado claro ao público que a pergunta referia-se apenas a séries que haviam encerrado o ciclo das personagens e a séries concluídas, não canceladas. Portanto, não é possível afirmar se o descontentamento é de uma forma geral ou referente a constante onda de cancelamentos de séries com personagens lésbicas e bissexuais<sup>26</sup>. Entretanto, os dados apontam que hoje existe um certo contentamento e aceitação das narrativas das personagens sáficas que estão sendo desenvolvidas, o que pode ser um indício do potencial desenvolvido pelo movimento nas redes sociais na internet.

Com o número de mortes de sáficas ao longo dos anos, o tropo *Bury Your Gays* é um clichê que parece atormentar e sempre preocupar as telespectadoras quando uma nova série é iniciada. Com isto em mente, perguntei às respondentes como elas enxergavam as mortes atuais, se possuíam algum motivo coerente ou ao menos leis ao arco da personagem/série. No entanto, é possível que o recorte de tempo (últimos 6 anos) não tenha ficado muito claro ao público devido ao discrepante resultado da questão em comparação com as demais. Das 723 respondentes, 535 (74%) acreditam que as mortes não são justificadas, ou seja, neste quesito, o movimento *LGBT Fans Deserve Better* apontaria ter um impacto não tão relevante. Ainda assim, se percebe um número considerável de respondentes que considera essa possível coerência na morte destas personagens atuais.

Devido à repetição de tropos negativos envolvendo sáficas em obras seriadas, indago as entrevistadas sobre quais narrativas mais as chateiam e estão cansadas de assistir. Para uma pergunta de múltipla escolha, selecionei 6 clichês que considero recorrentes, sendo eles: morte das personagens, sair do armário<sup>27</sup>,

---

<sup>26</sup> Why Are So Many TV Shows About Queer Women Getting the Axe?. Disponível em: <https://www.them.us/story/lesbian-sapphic-tv-cancellations-show-endings>. Acesso em 01 de nov. de 2022

<sup>27</sup> Narrativa cujo o único arco da personagem é a realização de sua sexualidade.

*queerbaiting*, lésbicas “caminhoneiras” predatórias<sup>28</sup>, traição e sexualização das sáficas para o olhar masculino. Além dos clichês definidos, havia também a possibilidade de adicionar mais um tropo de acordo com a visão da respondente. Foram citados: Homens envolvidos no enredo das personagens, sáficas coadjuvantes e “lésbicas” que passam a gostar de homens.

A seguir, apresento uma imagem da quantificação dos dados adquiridos.

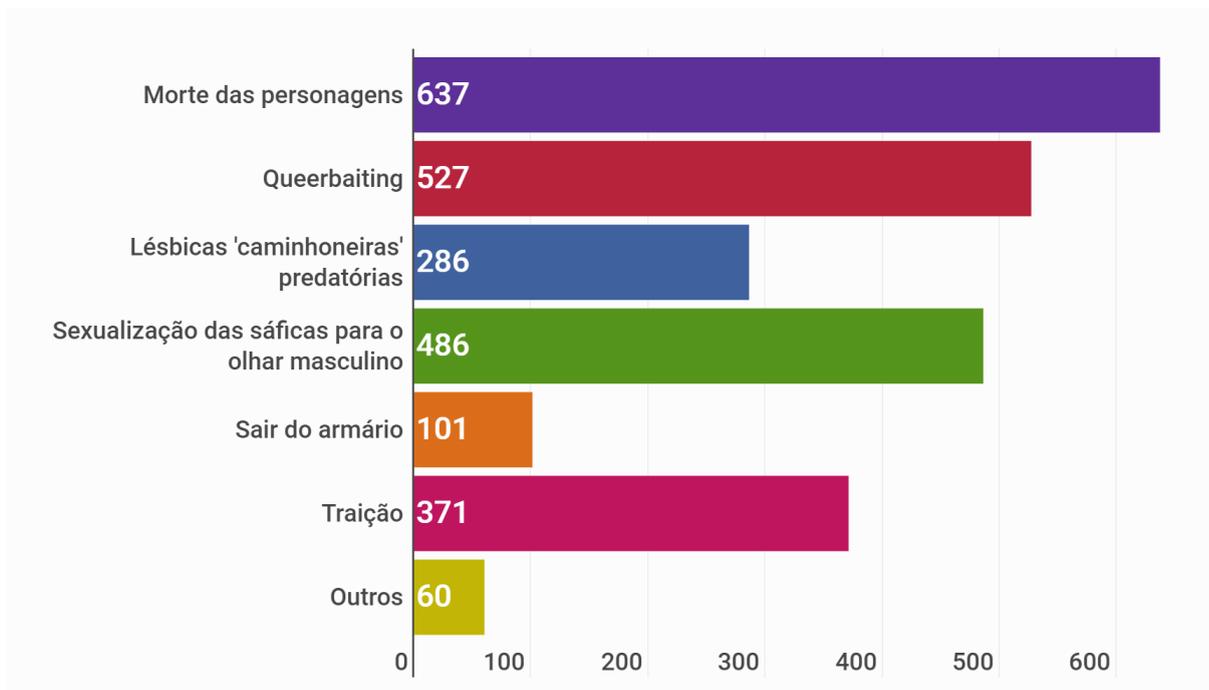


Figura 6 - Tropos

Fonte: Imagem elaborada pela autora

Como podemos observar no gráfico acima, a morte de personagens (88,1%), *queerbaiting* (72,5%), a sexualização de sáficas para o olhar masculino (67,2%) e traição (51,3%) são os clichês que mais aborrecem a maioria das telespectadoras, seguido de lésbicas “caminhoneiras” predatórias (39,6%) e sair do armário (14%). Significa que, aos olhos das fãs, estas personagens ainda se enquadram em clichês que enfatizam preconceitos (apesar de parecer existir uma melhora, como apontado nas questões anteriores).

O que as ativistas do movimento *LGBT Fans Deserve Better* dizem aos realizadores audiovisuais com esses resultados? A seguir, apresento alguns trechos

<sup>28</sup> Lésbicas que não performam feminilidade e são vistas como abusivas.

das respostas obtidas pelas respondentes, na pergunta sobre a importância de representatividade positiva em séries. Como a pesquisa foi respondida de forma anônima, suas falas serão identificadas pelo número da resposta recebida.

*Representação é tudo. Quando só vejo filmes e séries nos quais as lésbicas morrem... Isso me diz que eu não tenho valor, que não terei vida longa, que não importa ou que minha sexualidade/minha existência só tem o propósito de drama. Não sou merecedora de amor longo, paz e relacionamentos saudáveis (trecho da Respondente 460).*

*A representação de uma personagem lésbica na TV pode ser a primeira e/ou única exposição e conexão de uma jovem à comunidade LGBTQ+. É importante para os jovens LGBTQ+, em particular, ver representações positivas de si mesmos refletidas na mídia – especialmente quando outras fontes (ou seja, mundo real, não-ficção) de afirmação e aceitação podem ser limitadas ou inexistentes. Embora personagens defeituosos e histórias cheias de nuances sejam importantes e criem uma narrativa convincente, é claro que a representação de personagens de comunidades marginalizadas frequentemente se baseia em tropos e estereótipos nocivos que, por sua vez, permitem que o público associe tais caracterizações negativas com indivíduos da vida real ou grupos marginalizados como um todo (trecho da Respondente 761).*

*Normalização da mulher lésbica e bissexual como pessoa, e não como objeto de sexualização. Quando nós vemos a representação lésbica positiva em tela, conseguimos desvincular a lesbianidade da pornografia, que visa apenas o prazer masculino e incentiva práticas nocivas contra mulheres lésbicas e/ou bissexuais [...] (trecho da Respondente 565).*

*Acho que a arte é sempre política e tem influência no mundo em que vivemos, ter uma representação positiva na TV é importante e pode ajudar as pessoas a se sentirem mais seguras consigo mesmas e com sua identidade, além de ajudar outras pessoas a terem mais empatia e entenderem mais as pessoas que são diferentes deles porque podem se relacionar com suas lutas e se apegar emocionalmente e começar a pensar de forma mais progressista em geral, todo tipo de mídia tem potencial de influência e acho que deveria ter uma responsabilidade também (trecho da Respondente 567).*

*É desumano usar lésbicas/mulheres que amam mulheres como uma ferramenta para chocar, matar, drama ou atrair pontos de vista. Casais sáficos costumam ser tratados pior do que casais heterossexuais com menos tempo de tela, censura, histórias ruins etc. Não é divertido se ver morta, intimidada ou triste / sozinha repetidamente. Já temos homofobia suficiente para lidar no mundo real, não queremos ver isso na TV (trecho da Respondente 921).*

*Em vez de matar personagens queer de propósito por causa de censura, os personagens queer geralmente são colocados em papéis coadjuvantes ou secundários. Agora, as mortes das personagens são usadas para criar drama na história dos personagens principais (geralmente heterossexuais). Elas não são nossas próprias histórias e estamos relegadas a atuar para audiências heterossexuais (trecho da Respondente 928).*

A partir deste trecho percebemos o quanto a representatividade é considerada fundamental pelas fãs. Estes dados apontam para uma necessidade do

setor audiovisual - em específico, das séries - atentar para o desenvolvimento de seus roteiros e a presença destas personagens sáficas.

Sabemos das dificuldades de criar narrativas inteiramente originais nos dias atuais, mas é preciso haver responsabilidade para com o público. Como visto brevemente no capítulo 1 e fazendo um paralelo com as considerações das respondentes acima, mulheres que gostam de mulheres são invisibilizadas e menosprezadas há décadas no audiovisual. Quando representadas, na maioria das vezes por realizadores homens, são sexualizadas e coisificadas (ANNATI e RAMSEY, 2021), através de um olhar masculino determinante que incita sua fantasia na figura feminina (MULVEY, 1983). Mulheres sáficas e relacionamentos lésbicos possuem particularidades e vivências que diferem do meio heteronormativo e precisam ser trabalhados como tal, uma vez que “à medida que imagens e narrativas da vida de mulheres lésbicas e bissexuais são ‘normalizadas’ na cultura popular, tornam-se possíveis estruturas de identificação que mudam os termos de inteligibilidade de maneiras significativas” (SMITH, 2020, p.8). O audiovisual, com sua acessibilidade e potencial para atingir grandes audiências, continua sendo um local chave da cultura pública e de sua constituição. Assim, a resignificação da figura lésbica na televisão funciona como uma resignificação da cultura pública, e a capacidade de imaginar eus futuros fala das possibilidades de viver vidas autênticas em mundos sociais excludentes (SMITH, 2020).

É preciso incluir nas conversas do produto realizadoras pertencentes a essas comunidades, para que assim haja maior autenticidade na representação de minorias marginalizadas. Por esta falta, por verificar este “vazio” e descontentamento com os enredos dados às suas personagens favoritas, fãs vão às redes sociais gritar por sua representatividade, utilizando a potencialidade que este ambiente oferece por meio da força que comunidades virtuais constroem em torno da temática. Foi justamente a partir da morte da personagem Lexa que o movimento *LGBT Fans Deserve Better* adquiriu notoriedade no mundo audiovisual.

Sendo assim, para obter uma visão definitiva do movimento *LGBT Fans Deserve Better* e responder o problema de pesquisa, indaguei às entrevistadas se elas perceberam alguma diferença no tratamento de personagens lésbicas e bissexuais após a morte de Lexa e sua repercussão. De acordo com 52,3% das respondentes, a repercussão do desfecho trágico da personagem impactou, sim,

nas narrativas audiovisuais com mulheres sáficas. Contudo, 28,8% responderam não identificar mudanças e 18,9% não souberam avaliar.

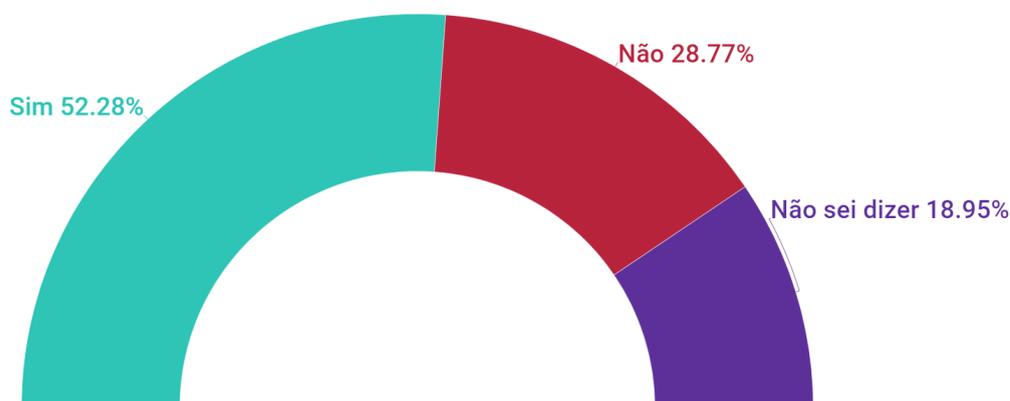


Figura 7 - Você acha que houve alguma diferença no tratamento das personagens sáficas depois da morte de Lexa e sua repercussão?

Fonte: Imagem coletada do questionário elaborado pela autora.

A partir destes dados, podemos afirmar que, para estas respondentes, fãs de séries e que acompanham estas personagens lésbicas e bissexuais, mais de 50% acredita que o movimento em torno da morte da Lexa teve influência positiva na construção e narrativa das novas personagens. Ou seja, elas perceberam certa mudança ou intenção de mudança nas obras seriadas que possuem estas personagens. Ainda que seja um número bastante inferior (quase 29%) de respondentes a não acreditar nesta diferença de tratamento nas obras seriadas mesmo após o movimento, este dado é um indício de que ainda existe um descontentamento, o que aponta a necessidade de ainda resistir e de direcionar ao modo como estas personagens são tratadas nestas obras audiovisuais. Tais números corroboram com as questões trazidas por este artigo: a problematização das falhas da representatividade sáfica midiática e como a cultura participativa pode influenciar positivamente a produção audiovisual. É fato que, mesmo com um longo caminho a se percorrer, como visto nas questões sobre tropos e construção de personagens, é possível notar as transformações que aos poucos enraízam no audiovisual desconstroem estereótipos prejudiciais tanto para o público, quanto para arte enquanto obra de extensão e reflexão da vida.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como discutido ao longo da presente pesquisa, conteúdos midiáticos são importantes meios de difusão e exposição de comunidades. O audiovisual, atrelado às plataformas de redes sociais, potencializa a discussão e possibilita a representação de contextos e identidades, logo muito do que é debatido no ciberespaço acaba refletindo no nosso cotidiano. Hall (2000) afirma que as identidades são construídas dentro do discurso e que são produzidas em locais históricos ou institucionais específicos, e os meios de comunicação são esses locais.

Este trabalho buscou compreender e refletir a relação do movimento *LGBT Fans Deserve Better* e sua influência na narrativa de personagens lésbicas e bissexuais em produções seriadas. Partiu-se do entendimento da cultura participativa - presente no ciberespaço - como lugar de construção de conhecimento e formação de comunidades virtuais que potencializa a difusão de informações - especialmente (como o caso desta pesquisa) de reivindicações e críticas ao modo como personagens lésbicas e bissexuais são tratadas em obras seriadas. Assim, por meio de um questionário aplicado em 723 pessoas, percebemos que a representação sáfica em seriados ainda é recheada de tropos narrativos que geram descontentamento nas fãs que acompanham. Do mesmo modo, focando esta insatisfação, percebeu-se que o movimento *LGBT Fans Deserve Better* - para a maioria - agiu de forma crucial a dar visibilidade a estes grupos e, conseqüentemente, a afetar a construção de novas narrativas que contém estas personagens. Possivelmente, conforme pudemos observar pelo compilado das respostas, esta força que o movimento adquire de "transformação" deste cenário da produção audiovisual seriada, se dá pelas potencialidades de formações de comunidades de fãs ativistas, que partilham de valores em comum e reconhecem a sua ampliação de voz nestes lugares.

É possível afirmar, então, que muitas das transformações sociais do século XXI apontam ser decorrentes da cultura da convergência (JENKINS, 2009), partindo principalmente do ciberativismo, onde petições online, mobilizações e discussões sobre causas sociais, políticas ou ambientais são rapidamente postadas. A portabilidade das novas tecnologias e o imediatismo da dinâmica das redes reduziu fronteiras físicas e conectou diferentes círculos sociais, muitas vezes por proximidade de interesses. Logo, por consequência, a produção audiovisual nunca

esteve tão próxima do seu consumidor. O público não é mais um mero telespectador, principalmente quando falamos em obras seriadas, visto a dependência do engajamento de seus consumidores. Em uma tentativa de formação (forjada) de vínculo, realizadores buscam sempre estar em contato com seu público alvo. No entanto, é preciso haver responsabilidade no que tange a produção e a comunicação, dado o poder de impacto social desse tipo de entretenimento, conforme foi possível observar nas informações reveladas pelas respondentes do questionário.

Levando em consideração o histórico precário e trágico de personagens lésbicas e bissexuais em obras audiovisuais apontados pelos dados, precisamos refletir sobre nossas produções. Representar minorias apenas para preencher lacunas em narrativas audiovisuais pode ser considerado progresso? Sim e não. Sim, pois demonstra a existência dessas pessoas para um público maior. Todavia, não deve ser considerado progresso por reduzi-las a papéis inferiores e secundários, onde muitas vezes, infelizmente, a própria vida real já se encarrega disso. É preciso reverter estereótipos negativos que percorrem há décadas na representação de mulheres que gostam de mulheres, criando personagens complexas, que erram e acertam, que possuem medos e bravura, inconsistências e valores e, acima de tudo, veracidade. Tropos podem fazer parte do audiovisual, mas desde que sejam coerentes com a narrativa de cada obra e que levem em consideração o contexto social.

Como pudemos ver ao longo do texto, o poder de organização dos *fandoms* e seu fã ativismo é capaz de movimentar e mudar estruturas estabelecidas pelos detentores de poder (veículos de produção e realizadores), mesmo que em pequena escala. O questionário aplicado, aliado aos textos de apoio, foi capaz de nos confirmar tal hipótese. Com a grande participação dos integrantes do movimento *LGBT Fans Deserve Better* e suas respostas, é possível afirmar que a repercussão da morte de Lexa, personagem lésbica da série *The 100*, foi capaz de mudar o cenário de personagens lésbicas e bissexuais em produções seriadas.

## REFERÊNCIAS

ANNATI, A.; RAMSEY, L. R. Lesbian Perceptions of Stereotypical and Sexualized Media Portrayals. **Sexuality & Culture**, v. 26, 24 jul. 2021.

BRENNAN, Joseph (ed.). **Queerbaiting and fandom: teasing fans through homoerotic possibilities**. Iowa City: University of Iowa Press, 2019.

BRIDGES, E. A genealogy of queerbaiting: Legal codes, production codes, “bury your gays” and “The 100 mess”. **The Journal of Fandom Studies**, v. 6, n. 2, p. 115–132, 1 jun. 2018.

BROUGH, Melissa M. ; SHRESTHOVA, Sangita. **Fandom meets activism: Rethinking civic and political participation**. Transformative Works and Cultures, v. 10, n. 10, 2011. Disponível em: <<https://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/303>>. Acesso em: 29 set. 2022.

COLLIER, C. M. **The love that refuses to speak its name : examining queerbaiting and fan-producer interactions in fan cultures**. Mestrado—University of Louisville: [s.n.]. Disponível em: <https://doi.org/10.18297/etd/2204>. Acesso em: 10 dez. 2022.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas S.A, 2005.

FRAMKE, Caroline; ZARRACINA, Javier ; FROSTENSON, Sarah. **All the TV character deaths of 2015-'16, in one chart**. Vox.com. Disponível em: <<https://www.vox.com/a/tv-deaths-lgbt-diversity>>. Acesso em: 28 set. 2022.

GARCÍA-ORTEGA, Rubén Héctor; SÁNCHEZ, Pablo García ; MERELO-GUERVÓS, Juan J. Tropes in films: an initial analysis. **arXiv:2006.05380 [cs]**, 2021. Disponível em: <<https://arxiv.org/abs/2006.05380>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

GRAY, Jonathan; SANDVOSS, Cornel; HARRINGTON, C. Lee (ed.). **Fandom: identities and communities in a mediated world**. 2. ed. New York: New York University Press, 2017.

GOMILLION, Sarah C.; GIULIANO, Traci A.. The Influence of Media Role Models on Gay, Lesbian, and Bisexual Identity. **Journal Of Homosexuality**, [S.L.], v. 58, n. 3, p. 330-354, 22 fev. 2011. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00918369.2011.546729>

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. Cap. 3. p. 103-133.

HOGAN, Heather. **Autostraddle’s Ultimate Infographic Guide to Dead Lesbian Characters on TV**. Autostraddle. Disponível em: <<https://www.autostraddle.com/autostraddles-ultimate-infographic-guide-to-dead-lesbian-tv-characters-332920/>>. Acesso em: 29 set. 2022.

HOGAN, H. **“The 100” Fans Once Again Remind The World That LGBT Viewers Deserve Better**. Disponível em:

<<https://www.autostraddle.com/the-100-fans-once-again-remind-the-world-that-lgbt-vi-ewers-deserve-better-339601/>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; PETERS-LAZARO, Gabriel; SHRESTHOVA, Sangita (ed.). **Popular Culture and the Civic Imagination**: case studies of creative social change. New York: New York University Press, 2020.

JENKINS, Henry. **Textual poachers**: television fans and participatory culture. New York: Routledge, 1992

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

MULVEY, Laura. **Prazer Visual e cinema narrativo**. In: XAVIER, Ismail (org). A Experiência do Cinema: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrasilme, 1983. p. 437-453.

LAURETIS, Teresa de. **Sexual Indifference and Lesbian Representation**. Theatre Journal, [S.L.], v. 40, n. 2, p. 155-177, maio 1988. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/3207654>.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

MCCAUGHEY, Martha; AYERS, Michael D. (ed.). **Cyberactivism**: online activism in theory and practice. New York & London: Routledge, 2003.

MCDERMOTT, Michael. The (broken) promise of queerbaiting: Happiness and futurity in politics of queer representation. **International Journal of Cultural Studies**, v. 24, n. 5, p. 136787792098417, 2020. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1367877920984170>>. Acesso em: 29 set. 2022.

NAZARIO, Luiz. **O outro cinema**. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 94-109, 31 dez. 2007. Universidade Federal de Minas Gerais - Pro-Reitoria de Pesquisa. <http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.16.2.94-109>.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

RIZZO, Michael. **The Art Direction Handbook for Film**. Boston: Focal Press, 2005.

RHEINGOLD, Howard. **The virtual community**: homesteading on the electronic frontier. Nova York: Perennial, 1993.

SILVEIRA, Fabio. O homossexual no cinema: o dilema da representação (Artigo). In: **Café História – história feita com cliques**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/o-homossexual-no-cinema-o-dilema-da-representacao/>. Publicado em: 15 ago. 2011. Acesso: 24 de set. 2022.

SMITH, K. M. **Lesbians on Television**: New Queer Visibility & the Lesbian Normal. [s.l.] Intellect, 2020.

VAN ZONEN, Liesbet. Imagining the Fan Democracy. **European Journal of Communication**, v. 19, n. 1, p. 39–52, 2004. Disponível em:

<<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0267323104040693>>. Acesso em: 19 set. 2022.

WAGGONER, Erin B. Bury Your Gays and Social Media Fan Response: Television, LGBTQ Representation, and Communitarian Ethics. **Journal of Homosexuality**, [s. l.], ano 2018, v. 65, ed. 13, p. 1877-1891, 2 nov. 2017. DOI <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1391015>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00918369.2017.1391015>. Acesso em: 16 de set. 2022.

WEISS, Andrea. **Vampires And Violets**: Lesbians in the Cinema. [S. l.]: Penguin Group, 1993. 184 p.